

O ESPELHO

Marcos Roberto Teixeira de Andrade

“Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro [...]”.

(Machado de Assis – *O Espelho*)

“Os próprios olhos, de cada um de nós, padecem viciação de origem, defeitos com que nasceram e a que se afizeram, mais e mais”.

(Guimarães Rosa – *O Espelho*)

“So seek the wolf in thyself”.

(Metallica – *Of Wolf and Man*)

As contemplações de mim: no lago da minha vaidade. As suavidades internas – e minhas contemplações narcíseas: no lótus dos meus narcóticos. Ah, que a estupenda beleza esta é o que me narcotiza – sim: me faz o horrível bem. A estupenda beleza esta que o *espelho espelho meu* desconhece rivalidades: nem *cinderelas*, nem *brancas de neve*. As belezas absolutas – minhas. Mergulho em meu lago: sem conhecer o fundo, nem perder as respirações. Suspendo-me nos etéreos; me origino em meus deleites. Que é este isto o doce do meu prazer: a estonteante beleza do que sou.

É aqui que me excito: na beleza deste retrato que me pinto. É aqui minha satisfação: a bela muda contemplação masturbatória de mim. Me afago em meus veludos: debuxando a beleza dos traços que me confirmam. Este lápis e este papel: me cinzelando as agradáveis formas. O lápis e o papel que me refletem: os belos lindos traços. O lápis e o papel: e os meus belos lindos olhos; os belos lindos cabelos; os belos lindos lábios; as belas lindas orelhas; o belo lindo nariz; a macia e suave tez. É, sim: o lápis e o papel que me refletem: *m’idealifação*. O orgasmo da minha alegria: como ninguém nunca como eu nas belezas tantas; ninguém nunca como eu. A divindade de mim: e minhas formas *michelângelas*.

Doutorando em Estudos Literários pela UFJF/Bolsista FAPEMIG (marcostorga@yahoo.com).

O estupor maravilhado: o fascínio que me harmoniza; o estupor: ante as tantas delicadezas belas. Ah, a magia de um auto-retrato: os gozos consigo mesmo; a magia egocêntrica: as feiticeiras transmutações que delinham. Este auto-retrato de mim: o que nunca vi mais belo; este auto-retrato: às avessas de Van Gogh. Me contemplo, aqui, nesta beleza nunca vista: *me miro e regozijo*; me acaricio em minha maciez; me enlevo em minhas sinfonias; me aconchego em meus confortos; me aqueço em meus invernos; me adormeço em meus *ninares*. Este o auto-retrato, *de-mim* – meu: o lápis e o papel em contubérnios feéricos.

Mas há luz e trevas, também: estas alquímicas mutações que me azedam. Há luz e trevas: *jekyll-hydeanamente*. A luz e as trevas: e as minhas lisas suavidades que se encrespam. O estupor que me amarga: o delineado da minha beleza em horríveis transmutações. É o que me contemplo, agora: as minhas suaves harmonias em surreais desafinos. Assim, loucamente, ante *minhas retinas que se fatigavam*: as transformações alquímicas. É o que me não *auto-retratei*: o apocalipse das minhas formas. A inversão de mim – é o que só pode ser: os horríveis feios olhos; os horríveis feios cabelos; os horríveis feios lábios; as horríveis feias orelhas; a crespa e ressecada tez. O monstro de mim, meu: as desgraças que nos habitam. Mordo minha língua: como a mudança essa?; donde a alteração?; as alquimias anatômicas: mas o ouro em ferro transmutado?; que artes são?; as maldições *doryan-grayanas*?; tanta beleza em tamanha feiúra – como?; posso ser eu isso assim? Ou o enlouquecimento da minha cabeça: será?; será o *vício dos meus olhos*?; uma tão bela figura nesta tristeza da existência? Pode não, posso não: posso ser eu não. Não me caibo, não; me renego. As trevas que não podem me habitar: sou eu não.

Nos ásperos ascos do meu ressentimento, pico picadinho o assombro deste papel: rasgo o que me dói. Pico em pedaços picadinhos esta folha da minha agonia; sufoco meus incômodos. Mas a mágica da realidade: as mínimas rasgadas formas coligadas novamente. Assim, em espantos: cada um daqueles picadinhos em seus movimentos espontâneos se *auto-encaixando* – como as peças e o quebra-cabeça. Se mexendo, sozinhos – vejo: recompondo o horror da minha existência. Atravesso minha noite:

rerasgo tudo nos outros pedaços picadinhos – mas a tenacidade da recomposição. *Rerasgo* – com fúria, com loucura, com paixão: mas a tranqüila tenacidade da recomposição. Então, agora, me ocorre o supremo: a conversão desta minha dor em cinzas queimadas. Se os rasgados pedaços picados obstinam renitentes – é o fogo que lhes há de haver, então: a purificação ígnea. Risco, acendo o fósforo: o *amarel’azul* da chama que me alegra. Suspendo o papel para que o seu lento arder: e a flama que aos poucos tudo retorcendo e enegrecendo. Contemplo em minhas satisfações: a fogueira da minha vaidade... o consumo do que me consumia... a ardência do meu espanto...

Mas o golpe no estômago: o absurdo e o nocaute. O absurdo, sim: quando este papel, aqui, quase todo cinzas, quando sua forma quase toda tostada – é o espanto que me ruge: o gigante monstro ígneo. Da última chaminha que já bruxuleava – se faz: o *abominável monstro de fogo*. Daquela última chama pequeninha fraquinha – o ardente ser do que não sei. Me sofro: com toda a fúria e sanha das suas ardências, esta flamejante incrível abominação me surra com os seus açoites ignívomos. Com toda a fúria e sanha das suas ardências: me maltrata com as brasas do seu ardor. Sim, com toda a fúria ardente: me chicoteia, me esmurra, me esbofeteia, me chuta, me torce, me estorce, me lança contra o teto, contra o chão, contra as paredes, me vira, desvira, *tresvira*: cada golpe seu uma nova queimadura de mim. E me chicoteando, me esmurrando, me esbofeteando, me chutando, me torcendo, me estorcendo – até as minhas amarguras: nas *sarjas* das minhas feridas. Ardo em meus cambaleios; queimo. Me resto espalhado no chão; queimo. A *abominável criatura de fogo* nem mais as fumaças; nenhum enxofre, aqui, mais. Apenas eu: nas queimaduras da minha solidão. Rastejando em meus vermes; engolindo minha ânsia.

No osso das minhas dificuldades, me ergo em meus espinhos: tentando entender as fumaças do acontecido, reviro os quatro cantos – mas nenhuma sombra, nenhuma cinza, nenhum nada daquela fogueira. Ardo nos espetos: as minhas flamejantes alucinações, seriam?; o fruto ardente dos meus devaneios?; nenhuma fagulha daquilo acontecido – será? Mas a dor das minhas queimaduras no real dos fatos: as lembranças que ardem. O queimado das minhas queimaduras em suas muitas realidades para que

tudo aquilo apenas o caleidoscópio do meu imaginar; o queimado das minhas queimaduras é que me confirma aquele incêndio.

Me manco, então – mas a surpresa que sobre a escrivadinha: os picadinhos coligados ali outra vez. Sim – sobre minha mesa: a recomposição coligada do meu aspecto que me abomina. A minha *desfeiguração*; o lobo de mim. O automático da minha mão com as intenções do picado picadinho tudo de novo: mas o ardor das minhas queimaduras. A cada momento que mais aqueço este desejo, mais o ardor dos meus queimados. Ah, me contemplo neste outro meu: o desânimo que me abate – o quando não se sabe o que fazer. Pendo em mim: até que reparo melhor: a bela dourada moldura que aqui ao lado, *donada* surgida, no sobre a mesa. A dourada bela moldura, nos exatos tamanhos desta minha desfiguração retratada. A idéia que me ocorre: a moldura na parede – e os meus imediatos alívios refrigerados. A cada vez que desta idéia mais me convenço: maior o refrigério que em mim. Então, faço – executo: encaixo minhas ásperas essências no dourado desta bela moldura. Me encaixoto, aqui: nos apertos retangulares. Me contemplo: como que uma nova simpatia a sorrir para mim. *Vejo, miro*: que há as certas simpatias nesta desfiguração, também. Há certas luzes nestas trevas; há como que uma *cinderela*, também, neste monstro encantado; há suavidade, também, neste horror. Há mim, aqui... Reconsidero, reflito – faço: a moldura na parede. Penduro, aqui – no flanco mais destacado e visível do meu *caligariano* gabinete: a rutilância desta minha escuridão.